

AS ECONOMIAS DESENVOLVIDAS E O CONFLITO NO GOLFO PÉRSICO

*Antonio Carlos C. Fraquelli**

1 – Introdução

Este artigo trata de duas questões: o conflito no Golfo Pérsico e a conjuntura econômica internacional. É um texto de caráter predominantemente descritivo. O objetivo do autor consiste em relatar algumas informações de natureza histórica ou estatística a respeito da crise do Oriente Médio e do desempenho das economias industrializadas, pois o episódio relacionado à invasão do Kuwait pode se manter por um período ainda indeterminado.

Na segunda seção, são incluídas algumas tabelas que mostram o desempenho recente das economias industrializadas. Antes de se descrever o conflito muçulmano e a reação aliada na quarta seção, procura-se apresentar ao leitor um breve resumo de alguns fatos que marcaram a história do território ocupado pelo Iraque e que, no passado, serviu de berço à civilização mesopotâmica.

Finalmente, na quinta seção, identificam-se algumas projeções e possíveis alterações no comportamento de indicadores econômicos das três maiores economias da ordem capitalista: os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha.

2 – O desempenho das economias desenvolvidas antes da crise

A recessão do início da década passada e a crise do mercado acionário, o "outubro negro" de 1987, não impediram que os países industrializados apresentassem um desempenho extraordinário ao longo dos anos 80. As previsões para 1990 mostravam a consolidação de uma trajetória relativamente exitosa pelo oitavo ano consecutivo para as nações do Primeiro Mundo.

Os indicadores básicos divulgados pelo Banco Mundial (Relat. Desenv. Mund., 1989) e constantes na Tabela 1 demonstram a posição de 120 economias informantes, acompanhadas, de forma sistemática, por essa instituição internacional. As economias estão divididas em três grupos, segundo o nível de Produto Nacional Bruto (PNB) "per capita". O grupo dos países de renda alta, cuja média era US\$ 14.430 em 1987, compreende desde a Espanha, com renda "per capita" igual a US\$ 6.010, numa extremidade, até a Suíça, com PNB "per capita" equivalente a US\$... 21.330. O segundo grupo engloba as nações com renda "per capita" média em torno de US\$ 1.810. O limite inferior desse grupo é ocupado pelo Senegal, com renda "per capita" de US\$ 520, e, no outro extremo, encontra-se Omã, com US\$ 5.810. O Brasil está inserido nesse grupo, com renda "per capita" de US\$ 2.020. Finalmente, há as nações de renda baixa, onde se incluem desde a Etiópia até a Libéria, com rendas "per capita" de US\$ 130 e US\$ 450 respectivamente.

Tabela 1

Indicadores da economia mundial — 1965-87

ECONOMIAS SEGUNDO O NÍVEL DE RENDA	PNB "PER CAPITA" (dólares de 1987)	PIB DE 1987		POPULAÇÃO EM 1987		TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)				TAXA MÉDIA ANUAL DE INFLAÇÃO (%)		
		Milhões de Dólares	%	Milhões de Habitantes	%	PIB	Agricul- tura	Indús- tria	Servi- ços	1965-80	1980-87	
Alta	14 430	12 370	800	82	777,2	16,8	2,6	2,8	2,3	2,7	7,9	5,2
Média	1 810	1 999	680	13	1 038,5	22,4	2,8	2,5	2,9	3,1	20,4	62,3
Baixa	290	756	130	5	2 822,9	60,8	6,1	4,0	8,6	5,1	8,9	8,6
Total de economias in- formantes	3 010	15 086	610	100	4 638,6	100,0	2,9	3,2	2,5	2,9	9,8	13,7

FONTE: RELATÓRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO MUNDIAL (1989). Rio de Janeiro, FGV.

Tendo em vista o elevado nível de concentração da renda no contexto mundial — 16,8% da população total das economias informantes detém 82% do PIS —, pretende-se, nesta seção, estabelecer alguns comentários sobre o desempenho das economias de renda alta, porque daí certamente advirão reflexos num futuro próximo.

O PIB dos países ricos cresceu à taxa média anual de 2,6% ao ano, durante os anos 80. No mesmo período, o crescimento demográfico atingiu a taxa média anual de 0,7% ao ano. A agricultura, a indústria e os serviços, com taxas de 2,8%, 2,3% e 2,7% ao ano, respectivamente, demonstram o desempenho setorial das economias desenvolvidas. Em termos de inflação, houve uma redução substancial de variação dos preços no período em estudo. A taxa de inflação — que chegou a 7,9% ao ano, no período 1965-80 — ficou em 5,2% ao ano, entre 1980 e 1987.

Centralizando a análise nos três países que detêm mais de 50% do PIB total das economias informantes, obtêm-se os dados constantes na Tabela 2.

Tabela 2

Indicadores das maiores economias mundiais informantes — 1965-87

PAÍSES	PIB de 1987 (bilhões de dólares)	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO PIB						TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB 1980-87 (%)			
		1965			1987			Agricul- tura	Indús- tria	Servi- ços	Total
		Agricul- tura	Indús- tria	Servi- ços	Agricul- tura	Indús- tria	Servi- ços				
Estados Unidos ..	4 497	3	38	59	2	30	68	3,5	2,9	3,0	3,1
Japão	2 376	9	43	48	3	41	57	0,8	4,9	3,1	3,8
Alemanha	1 188	4	53	43	2	38	60	1,9	0,4	2,1	1,6

PAÍSES	TAXA MÉDIA ANUAL DE INFLAÇÃO (%)		INVESTIMENTO INTERNO BRUTO COMO % DO PIB		RELAÇÃO DO COMÉRCIO EM 1987 (bilhões de dólares)		
	1965-80	1980-87	1965	1987	Exportação	Importação	Saldo
Estados Unidos ..	6,5	4,3	27	30	253	422	-169
Japão	7,8	1,4	17	16	229	146	83
Alemanha	5,2	2,9	18	20	293	227	66

FONTE: RELATÓRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO MUNDIAL (1989). Rio de Janeiro, FGV.

Observando-se a estrutura do PIB no ano de 1965 e comparando-se esse perfil com informações para o ano de 1987, verifica-se que houve uma perda substancial de participação relativa dos Setores Primário e Secundário em benefício do setor serviços. Especificamente nos anos 80, constata-se que o Setor Terciário cresceu à taxa anual de 3% nos Estados Unidos e no Japão e que, no caso da Alemanha, o melhor desempenho no período se deu nesse mesmo setor, que alcançou a média de incremento anual de 2,1%. Em termos de evolução dos preços, houve uma queda significativa da inflação nos três países. O Japão apresenta o melhor resultado, tendo reduzido a inflação de 7,8% ao ano entre 1965-80 para 1,4% ao ano na década de 80. Outro indicador importante é o nível de investimento interno bruto como participação relativa do PIB. Nesse caso, os Estados Unidos atingiram o expressivo percentual de 30% do Produto Interno Bruto norte-americano em 1987. Finalmente, é na balança comercial que aparece um viés de elevada significação econômica: de um lado, o "deficit" comercial norte-americano e, de outro,

os "superavits" japonês e alemão. Blinder (1990), em artigo recente, analisou o inter-relacionamento comercial dos Estados Unidos com o Japão. Após contra-argumentar as objeções à impenetrabilidade do mercado japonês, a desindustrialização norte-americana e a aquisição de propriedades na América por parte dos asiáticos, Blinder destaca que a diferença entre os dois países deve levar à busca de ganhos não só no comércio de mercadorias, mas de idéias também. E cita, como exemplo deste último caso, as idéias em torno da administração das fábricas e das relações trabalhistas como questões que poderiam ser absorvidas pelos Estados Unidos a partir da experiência do Japão.

Para se chegar à conjuntura econômica internacional presente, foi necessário verificar o comportamento dos indicadores econômicos no período posterior a 1987. Tendo como fonte o Fundo Monetário Internacional (World Econ. Out., 1990) e a OCDE (Main Econ. Indic., 1990), elaborou-se a Tabela 3, que busca atualizar alguns indicadores dos três principais países industrializados.

Tabela 3

Indicadores das três maiores economias mundiais informantes — 1982-1989

(%)

PAÍSES	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PNB			TAXA DE DESEMPREGO			INFLAÇÃO			PRODUTIVIDADE		
	1982	1988	1989	1982	1988	1989	1982	1988	1989	1982	1988	1989
Estados Unidos	-2,5	4,4	3,0	9,7	5,5	5,3	6,5	3,3	4,2	2,6	2,7	2,8
Japão	3,1	5,7	4,9	2,4	2,5	2,3	1,9	0,6	1,5	-0,5	7,5	5,3
Alemanha	-1,0	3,6	4,0	6,7	7,7	7,1	4,4	1,4	2,5	1,4	4,2	3,8

FONTE: FMI.
OCDE.

A Tabela 3 mostra quatro indicadores que puderam ser obtidos junto a fontes internacionais. Os dados permitem que se compare a situação atual com os números referentes ao período 1980-87 (Tabela 2) e ao ano de 1982 (recessão).

A média de crescimento do produto, no período 1980-87, para os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha atingiu as taxas de 3,1%, 3,8% e 1,6% ao ano, respectivamente. A observação da Tabela 3 demonstra que o desempenho recente foi bastante superior ao crescimento médio dos demais anos da década de 80.

No que diz respeito ao desemprego, os resultados para 1989 evidenciam que a taxa de desemprego chegou a 5,3% a.a. nos Estados Unidos, a 2,3% a.a. no Japão e a 7,1% a.a. na Alemanha. Comparando-se a 1982, as taxas de desemprego japonesa e alemã praticamente se mantiveram as mesmas, com pequenas alterações. Todavia, nos Estados Unidos, a queda foi significativa: de 9,7% em 1982, ficou reduzida a 5,3% ao ano.

A luta contra a inflação mostrou escassos resultados. A taxa de inflação atingiu os percentuais de 4,2, 1,5 e 2,5% ao ano, em 1989, nos Estados Unidos, no Japão e na Alemanha respectivamente. Esses valores são sensivelmente maiores do que os do ano anterior, o que demonstra as dificuldades enfrentadas pelas autoridades econômicas em conter o aumento dos preços.

Finalmente, quanto à produtividade, a taxa de crescimento aumentou nos Estados Unidos e decresceu no Japão e na Alemanha. No caso japonês, a explicação para o decréscimo está vinculada ao fato de, no ano anterior, em 1988, a taxa de crescimento do produto por homem-hora ter atingido o maior percentual do decênio, qual seja, 7% ao ano. A mesma explicação vale para a Alemanha, que, em 1988, registrou o crescimento máximo da produtividade na década.

Embora as duas questões estruturais básicas da economia norte-americana — o "deficit" da balança comercial e o desequilíbrio das contas públicas — não tenham sido equacionadas e continuem à espera de uma solução no âmbito da economia normativa, o comportamento dos indicadores econômicos recentes demonstra uma certa pujança das três economias destacadas nesta seção.

Dependendo da extensão do conflito no Golfo Pérsico, esse quadro econômico apresentará alterações significativas. Antes de descrever a invasão do Kuwait, julgou-se oportuno acrescentar a este artigo um relato sucinto dos fatos que marcaram a história do território que, num passado distante, ficou conhecido pela denominação de Mesopotâmia e que hoje se chama Iraque.

3 — Cinco milênios de história contemplam a formação do Estado Iraquiano

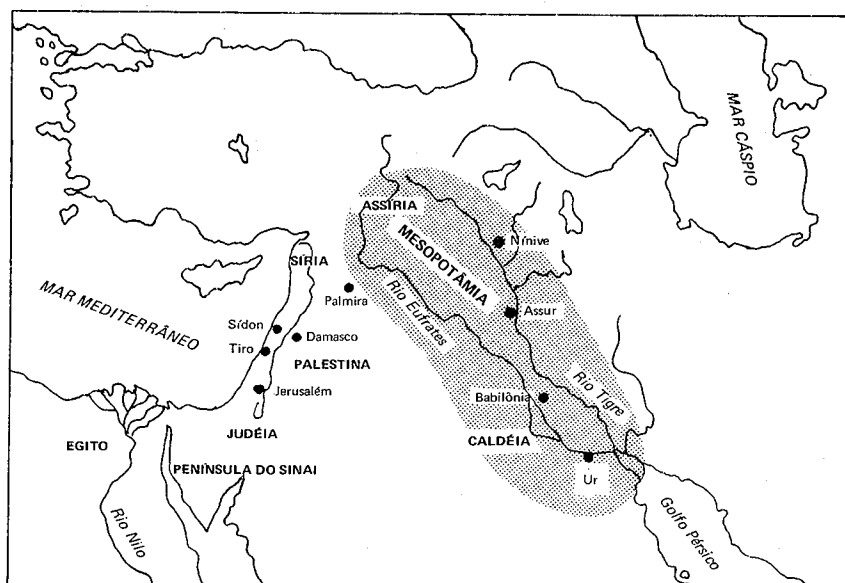
Apresentados alguns indicadores do desempenho das economias desenvolvidas na seção anterior, passa-se, nesta oportunidade, à segunda questão proposta na introdução deste artigo, qual seja, o conflito do

Golfo Pérsico. Porém, para atingir tal objetivo, procurou-se, antes, descrever os antecedentes do contexto iraquiano.

O território ocupado atualmente pelo Iraque equivale ao espaço físico que foi o berço da civilização mesopotâmica. Juntamente com o Egito, a Mesopotâmia é uma das civilizações mais antigas do Mundo. Burns (1965), ao estabelecer um paralelo entre ambas, afirma que a história política da Mesopotâmia é "assinalada por interrupções bruscas". Sua composição racial era menos homogênea, e sua estrutura social e econômica oferecia campo mais largo à iniciativa individual. A atitude dos nativos era "melancólica e pessimista". Roebuck (1966) fixa o período de 3500 a 1500 a.C. como o espaço de tempo em que se desenvolveu a mais influente civilização do Oriente Próximo. Localizada entre os rios Tigre e Eufrates, na extremidade norte situava-se o povo assírio, enquanto os caldeus ficavam no sul. Na verdade, a história política da região registrou uma seqüência de povos que dominaram os habitantes do vale por períodos sucessivos. Os sumerianos estabeleceram-se no local em torno de 3500 a.C. Dominados pelos semitas em 2550 a.C. e pelos guti, um povo bárbaro, os sumerianos revoltaram-se em 2300 a.C. Posteriormente conquistado pelos elamitas, em 2000 a.C. o território encontrava-se sob o jugo dos amoritas. Durante a dominação dos babilônios, a população local esteve sob o poder de Hamurabi, famoso pela elaboração do código, até que, em 1750 a.C. a Mesopotâmia foi tomada pelos cassitas. Em 1300 a.C., o comando político regional passou aos assírios. No século VII a.C., o império foi comandado, entre outros, por Assurbanipal e, segundo Burns (1965), "(...) incluía quase todo o mundo civilizado da época". Depois vieram os caldeus, com Nabucopolassar e seu filho, Nabucodonossor. Em 539 a.C., Ciro, o persa, conquistou a região. Os mapas de História Antiga e Medieval reproduziram, ao longo do tempo, uma vasta extensão de terra conhecida como Império Persa. Em 650 d.C., enquanto persas e bizantinos se degladiavam, os árabes foram unificados por Maomé. McEvedy (1979) é de opinião de que "(...) ainda que a unidade imposta por Maomé morresse com ele (632) — como era de prever — o Islão continuou, remodelando a sua lei temporal e espalhando-a para além do horizonte do profeta". O território persa passou a ser um feudo do Islão e, entre 639 a 646 d.C., a Mesopotâmia foi conquistada. O Islão unificou uma área equivalente à do Império Romano e dominou o Oriente Próximo por 800 anos. Ao analisar o Mundo em 1483, McEvedy (1979) afirma que "(...) o período medieval correspondeu ao apogeu dos nômades turco-mongóis na estepe asiática". O Oriente Próximo foi devastado pelos nômades, e, no século XIII, as dinastias turcas substituíram o poder político árabe.

MAPA 1

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA MESOPOTÂMIA



Na Idade Moderna, o atual território do Iraque encontrava-se sob a dominação do Império Otomano. Essa situação manteve-se durante o período da Idade Contemporânea até a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Stavrianos (1964) afirma que, após Suleiman, o magnífico, uma seqüência de sultões incapazes perderam o controle do império em um grau tal que ele foi deixado sem liderança alguma. Como a Turquia entrou na guerra em 1914, os ingleses penetraram no norte do Golfo Pérsico, visando impedir que os turcos chegassem à Pérsia. Iniciou-se uma nova fase na história da região, devido à presença britânica. A **Enciclopédia Mirador Internacional** (1976) faz referência a dois acordos secretos elaborados pelos ingleses durante aquela guerra. Ao mesmo tempo em que os ingleses estabeleciam um acordo com Hussein ibn Ali, Xerife de Meca, em que aqueles apoiariam a independência árabe e este levaria a efeito uma revolta contra a Turquia, os britânicos acordaram com os franceses a divisão de vários territórios árabes. No caso do atual Iraque, os Distritos de Baçorá e Bagdá ficavam com os ingleses, enquanto a França receberia o Distrito de Mossul. Dessa forma, a possibilidade de ser formado um governo nacionalista na Mesopotâmia ficou prejudicada.

Conhecido o acordo franco-britânico, eclodiu uma rebelião árabe em 1920, que foi rapidamente debelada pelos ingleses. No ano seguinte, Churchill ofereceu o trono do Iraque ao Emir Faysal, filho de Hussem, que era descendente de Maomé. Todavia foi somente em 1930 que a Inglaterra reconheceu a independência iraquiana. A partir da nova situação política, o Iraque passou por sucessivos dirigentes, e presenciou-se uma seqüência de golpes de Estado e de disputa renhida pelo poder.

Ghazil I, o filho de Faysal, tornou-se o soberano de 1933 a 1939. Um golpe de Estado levou ao poder o General Bakr Sidgi, em 1936, mas ele foi assassinado em 1937. Com a morte de Ghazil I, em 1939, sucedeu-lhe Faysal II, que era ainda uma criança, razão por que foi nomeado regente o Príncipe Abdel Ilah. Durante a Segunda Guerra Mundial, houve novo golpe de Estado, a Inglaterra interveio e, ao mesmo tempo em que manteve o governo anterior, permaneceu ocupando o país até 1945. Tendo atingido a maioria, Faysal II assumiu o poder nos anos 50, governando sob a ótica conservadora e pró-ocidental. Em 1955, foi assinado o Pacto de Bagdá, uma aliança defensiva com a Turquia. O Egito e os nacionalistas iraquianos opuseram-se a esse acordo. O final da década registrou a formação da República Árabe Unida, que congregou o Egito, a Síria e a Federação Árabe, que reuniu os Reinos do Iraque e da Jordânia. A experiência iraquiana foi breve, porque a República do Iraque foi proclamada pelo General Abdul Karim Kassim, que tentou conquistar o Kuwait. Segundo Harari (1962), havia rivalidade entre egípcios e iraquianos com relação ao Kuwait. Tão logo se encerrou o protetorado britânico sobre o Kuwait, o General Kassim declarou que este país era parte do Iraque e que seria anexado em termos pacíficos. Tratava-se de uma tentativa de se antecipar a uma iniciativa semelhante de Nasser. Em 1963, houve novo golpe de Estado. O Coronel Abdel Aref, substituiu o General Karim Kassim na Presidência da República. O Partido Baath chegou, então, ao poder. Com a morte do Coronel Aref, assumiu a Presidência o seu irmão Abdel Rahman, que também sofreu um golpe de Estado em 1968. O poder passou para outro General, Ahmed Hassan al Bakr. Iniciou-se o ano de 1970 com o final de uma guerra civil que se prolongou por toda a década anterior. Novas alterações no quadro político levaram à geração do pacto nacional que reuniu os comunistas, os curdos e os membros do Partido Baath. Mirador (Encicl. Mirador Intern., 1976) descreve o momento dizendo que

"(...) externamente, além de procurar contestar a liderança egípcia sobre o mundo árabe e de sua rígida posição contrária à existência de Israel e às resoluções da ONU a respeito, o Iraque hostiliza diplomaticamente a Síria — onde domina a ala esquerdista do Baath, oposta à corrente ira-

quiana — e o Irã, cujos interesses territoriais e petrolíferos no Golfo Pérsico são conflitantes com os seus".

A aproximação com a União Soviética consolidou-se nesse período.

Saddam Hussem assumiu o poder em 1975, ao substituir o General Hussan al Baker. Tornou-se Secretário Geral do Partido Baath e Presidente da República. A invasão do Irã foi decisão do novo Presidente. Foram oito anos de guerra. O uso das armas químicas atestaram o nível de atraso da humanidade. Na verdade, o homem tem um extenso caminho a percorrer para compreender o significado e a importância da convivência pacífica entre os indivíduos.

4 — O conflito muçulmano e a reação aliada

4.1 — A invasão ao Kuwait

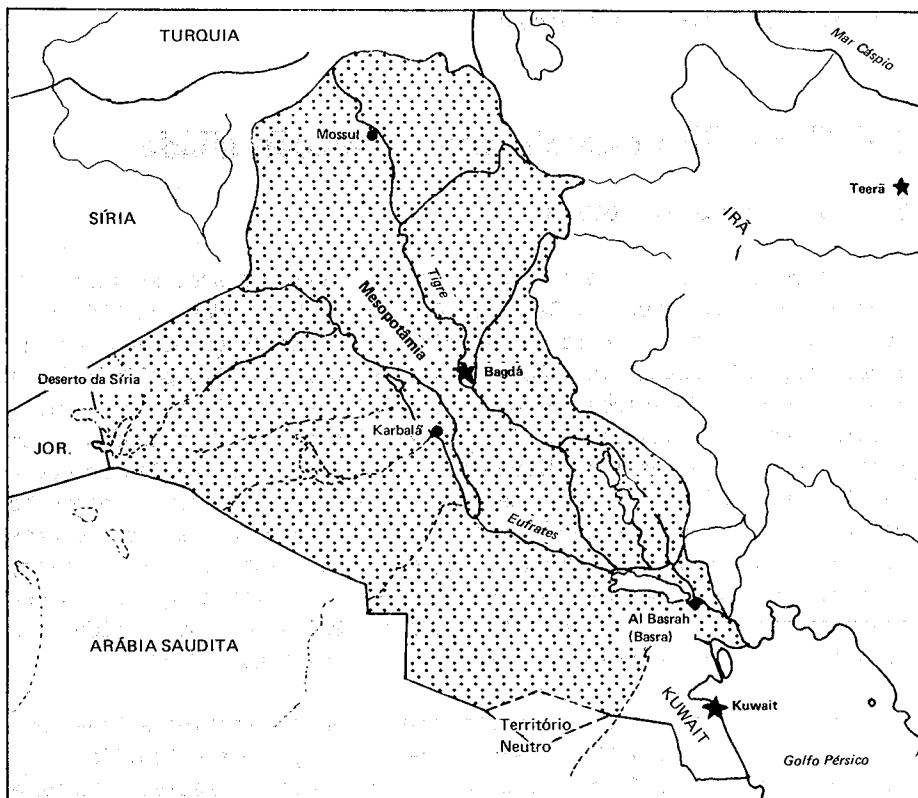
Às duas horas do dia 6 de agosto do corrente ano, as forças do Iraque invadiram o Kuwait. De 140.000 homens mobilizados, 30.000 atravessaram a fronteira. Para um exército de um milhão de homens aproximadamente, 50% dos quais são reservistas, o Iraque dispõe de mais de 5.000 tanques, 500 aviões de combate, 200 lança-mísseis e nove navios. Paralelamente, o Kuwait possuía um exército de 16.000 soldados e, em termos de material bélico, dispunha de 500 tanques, 90 aviões de guerra, 12 lança-mísseis e oito navios. A desproporção entre a dimensão das forças militares evidencia-se a partir da comparação dos números apresentados nesta oportunidade. Segundo os analistas internacionais, o Iraque mobilizou uma parcela do exército muito além do que seria necessário para realizar a sua investida com êxito, porque considerou a possibilidade de uma reação militar de parte da Arábia Saudita.

A invasão estendeu-se à parte kuwaitiana da denominada Zona Neutra, uma área de 5.700km², valorizada pelas jazidas petrolíferas, e que é dividida com a Arábia Saudita em termos administrativos. No Mapa 2, fica evidente a diferença de área entre as duas nações beligerantes. O Iraque ocupa um espaço de 438.000km², enquanto o Kuwait se restringia a um território de cerca de 18.000km². Em termos demográficos, enquanto o Iraque possui uma população de 17,6 milhões de habitantes, com 62% de xiitas, a população do Kuwait não atingia a dois milhões de habitantes, dos quais 75% eram sunitas. Embora os xiitas constituam a maioria da população iraquiana, e os curdos localizem-se no norte, são os sunitas que detêm o poder. Logo, os sunitas eram

maioria da população no Kuwait e detêm o poder no Iraque. O Emir do país invadido, o Xequê Jaber Al-Ahmad Al-Sabath, refugiou-se na Arábia Saudita. As primeiras notícias divulgadas pela imprensa davam conta de que o Iraque justificava a sua iniciativa visando atender à demanda dos rebeldes locais.

MAPA 2

LOCALIZAÇÃO DO IRAQUE



4.2 – Os argumentos iraquianos

No início desta quarta seção, evidenciou-se o fato de que os sunitas, que são maioria da população no Kuwait, detêm o poder no Iraque. Também comentou-se o fato de o General Abdul Karim Kassim ter de-

clarado que pretendia anexar o Kuwait no início dos anos 60. Além disso, o território sofreu todo o tipo de intervenção por ter sido colônia europeia durante um período da sua história.

Outras questões, porém, devem ser citadas no momento. Em primeiro lugar, em função da guerra mantida com o Irã, a navegação na reduzida costa iraquiana está limitada pela grande quantidade de destroços existentes. Havia necessidade de se obter nova saída para o mar. Essa opção se concretizaria se o Kuwait cedesse ao Iraque a ilha de Bubiyan, localizada à direita, na extremidade inferior do Mapa 2.

Em segundo lugar, havia uma dívida pendente entre os dois países. Assim como os demais países, o Kuwait também financiou a guerra do Iraque contra o Irã. Ao final da guerra, a dívida iraquiana atingiu a soma de US\$ 80 bilhões. Uma parcela superior a 30% desse valor veio dos cofres kuwaitianos. Saddam Hussem almejava o perdão dessa dívida. Ao se concretizar a invasão, a dívida deixaria de existir.

Em terceiro lugar, há uma denúncia iraquiana de que o Kuwait estaria extraíndo petróleo do Campo de Rumallah, localizado em território fronteiriço. Saddam exigia, desde julho do corrente ano, uma indenização superior a US\$ 2 bilhões.

4.3 – O embargo das Nações Unidas

O embargo total ao Iraque foi aprovado através da Resolução nº 661 do Conselho de Segurança da ONU, de 05.08.90.

Por razões distintas, Boaventura (1990) e Genoino (1990) concordam com a decisão da ONU. O primeiro argumenta com "o repúdio ao imperialismo". O segundo, considera o "boicote ao Iraque como uma tentativa de brechar o seu expansionismo". Boaventura justifica o emprego da força porque a invasão é uma "ameaça à economia do Ocidente". Genoino nega o direito aos Estados Unidos de uma intervenção militar porque ele estaria se "equivalendo a Saddam Hussem". A questão é polêmica. Há interesses econômicos de vulto em jogo. Spitzcovsky (1990) destacou que o objetivo de Saddam seriam as reservas bilionárias acumuladas no Kuwait. Além disso, é oportuno lembrar a participação kuwaitiana — em torno de 10% — na British Petroleum, no British Midland Bank e na Agnelli e de 20% na Hoescht AG.

Justificado o embargo e explicitada a controvérsia sobre a possibilidade da intervenção militar, haverá um custo elevadíssimo para

operacionalizar a decisão da ONU. O Ministro das Finanças do Kuwait, Ali Khalifa al-Sabah (1990), em entrevista à revista *Business Week*, estimou que o Kuwait terá uma despesa de US\$ 5 bilhões até o final do ano para atender aos refugiados, ao esforço aliado, aos bancos e ao auxílio externo. A imprensa tem divulgado que as manobras militares dos Estados Unidos no Golfo Pérsico estão estimadas, em média, em US\$... 300 milhões mensais. Depois do Vietnã, quando a participação do Setor Segurança e Defesa sobre o produto da economia começou a decrescer substancialmente, esta é a maior ofensiva militar norte-americana.

Na verdade, o que surpreende, em todo o conflito em análise, é que os mesmos países que armaram as duas partes em passado recente, hoje, condenam a invasão, coordenam o embargo e comandam uma operação de dimensões tais que, se os recursos tivessem sido alocados de outra forma, não teria havido um milhão de vítimas na guerra levada a cabo contra o Irã.

5 – A crise do Golfo e as economias industrializadas

5.1 – As previsões anteriores ao conflito

As previsões para o desempenho das economias industrializadas eram razoavelmente otimistas antes do início da crise no Golfo Pérsico. A revista *Business Week* (1990), em matéria publicada sobre as finanças globais, registrava que a reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, prevista para este outono no Hemisfério Norte, seria um evento de caráter festivo. O objetivo do encontro do dia 24 de setembro, em Washington, estava voltado para saudar o Leste Europeu e o seu esforço em financiar a sua reconstrução. Destacava-se a presença da União Soviética como observadora, fato inédito na história das duas entidades.

A Tabela 4 mostra o comportamento esperado do crescimento real do PNB das economias industrializadas para os anos 1990 e 1991. Comparando-se o crescimento para a década de 90 com os números apresentados na Tabela 3, referente ao final da década de 80, verifica-se que as previsões do FMI assinalam uma queda no ritmo de crescimento do produto real no corrente ano. Esse fato reflete a necessidade das autoridades econômicas de tentarem atacar de forma mais eficaz a inflação presente na economia. Todavia, para 1991, retomam-se os níveis de 1989, com exceção da Alemanha que se depara com uma nova realidade, decorrente do seu processo de reunificação territorial.

Tabela 4

Taxas de crescimento real esperado do PNB dos países industrializados do Mundo — 1990-91

ESPECIFICAÇÃO	1990	1991
Produto mundial	2,3	3,1
De todos os países industrializados	2,7	2,9
Dos Estados Unidos	1,7	2,3
Do Japão	4,4	4,2
Da Alemanha	3,5	2,7

FONTE: FMI.

Ao fixar as taxas constantes na Tabela 4, os autores das projeções partiram do pressuposto de que o crescimento da economia mundial está relacionado à manutenção das políticas econômicas atuais. Nesse sentido, o **World Economic Outlook** (1990) considerou que o pressuposto implica "(...) a continuação da política monetária restritiva visando à contenção de pressões de salários/preços existentes". Paralelamente, a "política de consolidação fiscal continuará — e em alguns casos será fortalecida — ajudando a manter as taxas de poupança nos países industrializados".

5.2 — Os indicadores da crise

O clima de festa da reunião de outono do FMI e do BIRD alterou-se radicalmente tão logo o conflito emergiu no Golfo Pérsico. Isto porque a oferta do petróleo está concentrada no Oriente Médio. A Tabela 5 explicita a localização regional das reservas mundiais do produto, segundo levantamento feito pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Pelos dados apresentados, pode-se perceber que 65,26% das reservas mundiais se encontra efetivamente no Oriente Médio. A seguir aparecem a América Latina e a URSS e a Europa Oriental, com 12,37% e 5,81% respectivamente.

Tabela 5

Reservas mundiais de petróleo

REGIÕES	RESERVAS (bilhões de barris)	PARTICIPAÇÃO RELATIVA
América do Norte	42,4	4,19
América Latina	125,2	12,37
Europa Ocidental	18,4	1,82
URSS e Europa Oriental	59,9	5,92
Oriente Médio	660,3	65,26
África	58,8	5,81
Ásia e Austrália	46,8	4,63
TOTAL	1 011,8	100,00

FONTE: VISÃO (1990). São Paulo, v.40, n.39, set.

Dado o elevado nível de concentração das reservas, procurou-se, através da Tabela 5, detalhar a estrutura das mesmas, como participação relativa nas reservas mundiais, e o perfil de produção para os países localizados na região do conflito.

Embora haja uma pequena discrepância entre os números das Tabelas 5 e 6 – a participação do Oriente Médio nas reservas mundiais seria de 65,26% ou 64,8%, conforme a fonte –, fica evidente a importância das reservas do Iraque, do Kuwait e da Arábia Saudita. Somando-se a participação relativa desses três países da Tabela 6, chega-se à expressiva representatividade de 44,9% das reservas mundiais. Isso significa que as três nações que estão no centro dos acontecimentos do conflito do Golfo detêm cerca da metade das reservas existentes, o que, por si só, já demonstra a dimensão da crise. Deve-se ressaltar, todavia, que a produção de 16,38 milhões de barris por dia tem hoje uma representatividade menor do que a posição ocupada nos anos 70. Até meados daquela década, a OPEP detinha mais da metade da produção mundial de petróleo. Essa participação foi reduzida a 33% em 1989.

Para escoar a produção de três milhões de barris por dia, o Iraque utiliza os oleodutos constantes no Mapa 3. Ele foi elaborado a

partir de dados apresentados em duas fontes: *Le Monde Diplomatique* (1990) e *Le Point* (1990). Ao norte, o oleoduto que vai até Yumurtalik, na Turquia, encontra-se fechado desde o dia 7 de agosto do corrente ano, face ao embargo internacional determinado pela ONU. A nordeste, o oleoduto que escoia a produção até Tartus, na Síria, encontra-se fechado desde 1969. A sudoeste, o oleoduto que atravessa à Zona Neutra e chega a Yanbu, na Arábia Saudita, no Mar Vermelho, também está fechado desde o embargo. Destino semelhante teve o duto que escoia a produção ao sul, até o Golfo Pérsico. A simples observação do mapa mostra a importância de cada parte na busca de uma solução isolada à crise detonada em agosto próximo passado. Face à importância da região no processo de crescimento econômico internacional e tendo em vista a interdependência entre as nações na região do Golfo, é indispensável a busca de uma solução negociada a curto prazo, para que os danos ao desenvolvimento mundial não se tornem irreversíveis.

Tabela 6

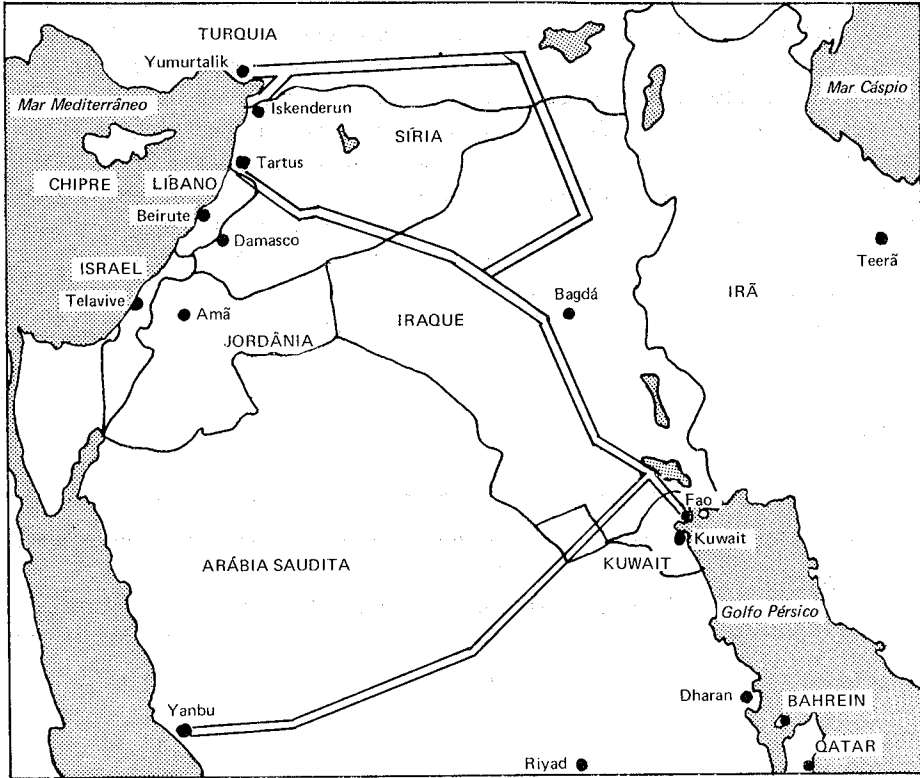
Reservas e produção dos países da região do conflito

PAÍSES	RESERVAS (% sobre reservas mundiais)	PRODUÇÃO (milhões de barris/dia)
Iraque	10,0	3,00
Kuwait	9,4	1,90
Arábia Saudita ..	25,5	5,60
Emirados Árabes .	9,8	1,90
Irã	9,3	3,00
Oman	0,4	0,60
Qatar	0,4	0,38
TOTAL	64,8	16,38

FONTE: LE POINT (1990). Irak: le déf a L'Occidente. /s.l., s.ed./,
(934):1113, aout.

MAPA 3

LOCALIZAÇÃO DOS OLEODUTOS



5.3 — Os reflexos sobre as economias industrializadas

Até início dos anos 70, o barril de petróleo custava US\$ 2,47. Com o choque de 1973, o preço do barril atingiu US\$ 11,25, e a economia mundial enfrentou dificuldades de natureza até então não conhecidas no contexto internacional. Em 1979, houve um segundo choque, e o preço do barril chegou a US\$ 45 a unidade. Neste ano, o barril custava US\$ 18; com o conflito do Golfo Pérsico, há um novo choque, e o preço da unidade ultrapassa os US\$ 45. O ônus dessa oscilação do preço do barril diz respeito à possibilidade de uma recessão mundial. Mandell (1990), ao debater a posição da Agência Nacional de Investigação Econômica dos Estados Unidos frente à idéia de que a recessão se caracteriza por uma seqüência de dois trimestres consecutivos de queda de produto, descreveu fenômenos dessa natureza transcorridos em passado

recente da economia norte-americana. O Quadro 1 apresenta as cinco recessões identificadas pela Agência Nacional de Investigação Económica após o estudo do comportamento de diversos agregados económicos. Pelos dados expostos, a duração máxima das recessões foi de 16 meses em duas oportunidades: novembro de 1973 e julho de 1981. No entanto o que é oportuno relacionar nesta oportunidade é que houve um choque do petróleo em 1973 e uma recessão a partir de novembro do mesmo ano; houve outro choque do petróleo em 1979 e seguem-se dois períodos recessivos com início em janeiro de 1980 e julho de 1981, respectivamente. Daí a importância de analisar o impacto da crise do Golfo sobre a economia mundial.

Quadro 1

Recessões nos Estados Unidos — 1960-90

ANOS	MÊS INICIAL	DURAÇÃO (meses)
1960	Abril	10
1969	Dezembro	11
1973	Novembro	16
1980	Janeiro	6
1981	Julho	16

FONTE: BUSINESS WEEK (1990). **Global finance**. New York, McGraw-Hill, n.3172, oct.

Ao estudar a ordem capitalista nos anos 90, o analista económico vai se deparar com uma nova realidade no contexto internacional. Nas últimas duas décadas, não se pode prescindir de um enfoque da economia global. Borrego (1990) afirma que

"(...) pensar na situação desde a perspectiva dos estados nacionais começa a ser uma grave limitação teórica. Agora, deve-se pensar seriamente na noção de uma classe capitalista global (não nacional) que deu lugar à criação de uma reserva mundial de trabalhadores, de uma classe mundial funcionalmente integrada".

Em seu artigo, esse autor descreve que as características desse novo sistema são:

"(...) produção internacionalizada sob controle centralizado; dimensão maciça e gigantescos recursos financeiros de unidade institucional básica; determinismo e vanguarda tecnológica, e uma concentração de poder econômico elevado e em crescimento contínuo".

A década de 90 e o século XXI consolidarão a posição dos blocos regionais. Johnson (1989) previu que, para o próximo século, a constituição de cinco grandes blocos: Estados Unidos, Japão, Europa Ocidental, Leste Europeu e China. Este último país insere-se nesse contexto porque receberá de volta uma grande metrópole capitalista, Hong Kong, a partir do final da presente década. A competição dos anos 90 dar-se-á a partir de uma "corrida global". Educação e tecnologia serão temas estratégicos para os tomadores de decisões. Port (1990), ao comparar dados estatísticos de 1987 referentes a gastos em pesquisa e desenvolvimento não militares como parcela do PNB, mostra que o Japão e a Alemanha estão próximos aos 3%, enquanto os Estados Unidos ainda não chegaram ao nível de 2%.

Tendo em vista que a ordem econômica tende à formação dos blocos em decorrência da globalização do capital, constata-se fenômeno análogo no âmbito do petróleo. Somente com os choques do petróleo nos anos 70 citados anteriormente, as sete empresas que dominam o mercado tiveram um excedente de US\$ 115 bilhões em 1980, na conta corrente da OPEP. A situação em 1990 já é razoavelmente distinta de há 10 anos atrás. Além de os países do Golfo perderem posição relativa na produção mundial de petróleo, também houve deterioração das suas situações financeiras. Até 1982, a diferença entre vendas de petróleo e gastos públicos apresentava um "superavit" de dimensão considerável. Entre 1983 e 1988, ocorreram "deficits" sucessivos e que chegaram ao valor de US\$ 31,80 bilhões em 1986. O ano de 1989 apresentou, pela primeira vez em período recente, um "superavit" que chegou a US\$ 4,20 bilhões. Logo, na solução do conflito do Golfo Pérsico é preciso equacionar a situação financeira dos países envolvidos direta e indiretamente na crise.

Finalmente, no que diz respeito aos países industrializados, as primeiras projeções começaram a ser divulgadas. Utilizando como fonte o Credit Suisse e o First Boston Ltd., a revista **Business Week**, em edição de setembro do corrente ano, estimou o impacto da crise sobre o crescimento econômico dos países industrializados. A Tabela 7 resume essas informações.

Tabela 7

Crescimento do PNB dos principais países
industrializados — 1990-91

(%)

PAÍSES	COM BARRIL A US\$ 18		COM BARRIL A US\$ 30	
	1990	1991	1990	1991
Estados Unidos	1,8	1,7	1,5	1,0
Japão	4,6	3,5	4,0	2,0
Alemanha	4,0	3,5	3,5	3,0

FONTE: BUSINESS WEEK (1990). **Global finance.** New York, McGraw-Hill, n.3172, oct.

Confirmados esses números, verifica-se que os Estados Unidos e o Japão teriam reduzido em 50% o ritmo do seu crescimento, comparando-se as previsões para 1991, com o petróleo a US\$ 30, com o desempenho do ano atual, quando tudo levava a crer que o preço de US\$ 18 se manteria no cenário econômico internacional. O impacto sobre a economia mundial será inevitável.

6 — Conclusões

Localizado no berço da antiga civilização mesopotâmica, o território do Iraque tem uma história multimilenar. A formação do Estado Iraquiano é contemporânea a intensos conflitos de natureza política. O nacionalismo local enfrentou interesses econômicos estrangeiros vigorosos. O estudo regional ao longo dos cinco milênios confunde-se com a própria história da humanidade.

O mês de julho do corrente ano mostrava as nações industrializadas em seu oitavo ano de crescimento econômico. Com agosto, veio o desgosto. A crise do Golfo não dará o mesmo impacto dos choques do petróleo de 1973 e 1979. Todavia a ameaça da recessão volta a preocupar o cenário econômico das nações ricas. O preço do petróleo já esteve 150% acima do patamar anterior. Mantida a crise, o produto mundial po-

derá cair dos 3,1% previstos para 1991 (Tabela 4) para 2,4% ao ano. Enquanto a Comunidade Econômica Européia está criticando a ganância da indústria do petróleo e o Leste Europeu, novo parceiro na ordem capitalista, imerge na crise do combustível, a Bolsa de Valores de Tóquio registrou queda recorde em seu índice Nikkei. Segundo o FMI, as perspectivas são sombrias. O cenário torna-se difícil para as nações do Terceiro Mundo que convivem com a hegemonia do neoliberalismo. No centro do conflito, Saddam persiste. A solução tarda, e Bush lamenta. A popularidade do Presidente norte-americano cai. O quadro é complexo. A negociação é difícil. Tomara que haja lucidez, e a guerra seja afastada. Quem sabe a sabedoria sobreponha-se à força desta vez.

Bibliografia

- BLINDER, Alan S. (1990). Why a war mentality abant Japan is selfdefeating. **Business Week**, New York, Mc Graw-Hill, (3161):12, July.
- BOAVENTURA, Jorge (1990). Mundo Doente. **Folha de São Paulo** (11.8.90), São Paulo, p.A-3, ago.
- BORREGO, John (1990). A economia global: contexto do futuro. **Investigación económica**, México, Universidade Autonoma de México (69)191.
- BURNS, Edward Mcnall (1965). **História da civilização ocidental**. Porto Alegre, Globo, 581p.
- BUSINESS WEEK (1990). Global finances. New York, Mc Graw-Hill, (3172):27, Oct.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL (1976). São Paulo, Encyclopedia Brittanica do Brasil. V.12, p.6202.
- GENOÍNO, José (1990). Contra a polêmica dos EUA. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 11 ago. p.A-3.
- HARARI, Maurice (1962). Government and politics of the middle east. New Jersey, Prentice-Hall, 175p.
- JOHNSON, Paul (1989). O admirável mundo novo. **Exame**, 21(24), nov.
- MAIN ECONOMIC INDICATORS (1990). Paris, OCDE, 179p.

- McEVEDY, Colin (1979). **Atlas de história medieval**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 100p.
- MENDEL, Michael J. (1990). The arbiters of recession. **Business Week**, New York, McGraw-Hill, (3165):18, Aug.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE (1990). La force et le droit dans la Region du Golfe. Paris, Le Monde Publicité (438):16-17, Sept.
- LE POINT (1990). Irak: le déf à l'Occident. (s.l.) **Le Point** (934):1113, août.
- PORT, Otis (1990). Cash-Rich Japan and a Unifying Europe are closing the gap in science. **Business Week**. New York, McGraw-Hill (3158):27, June.
- RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO MUNDIAL (1989). Rio de Janeiro, FGV, 265p.
- ROEBUCK, Carl (1966). **The world of dancient times**. New York, Charles Scribner's Sons, 758p.
- AL-SABAH, Ali Khalifa (1990). An interview with Kuwait's Ali Khalifa Al-Sabah. **Business Week**, New York, McGraw-Hill, (3172):31, Oct.
- SPITZCOUSKY, Jaime (1990). Saddam Hussein visa as reservas bilionárias acumuladas no Kuwait. **Folha de São Paulo**, São Paulo. p.A-8, ago.
- STAVRIRANOS, L.S. (1964). **The ottman empire**. New York, Rinehart and Winston, 60p.
- VISÃO (26.9.90). São Paulo, v.40, n.39, set.
- WORLD ECONOMIC OUTLOOK (1990). Washington, IMF, 199p.